

Editorial

Educação em Movimento: Movimentos Sociais, Educação Popular e Ações Coletivas

Sullivan Ferreira de Souza

Universidade Federal do Pará

Janaina Santana da Costa

Universidade Federal do Tocantins

O Dossiê “Educação em Movimento: Movimentos Sociais, Educação Popular e Ações Coletivas” reúne uma série de estudos que trazem reflexões teóricas e metodológicas acerca dos processos educativos em diálogo com diferentes organizações, movimentos, instituições e coletivos sociais.

São textos de pesquisa, experiências e reflexões de distintas regiões do Brasil e com pesquisadores (as) de universidades públicas, escolas e coletivos populares como: UFMG, UFPA, UFT, UEPA, UFSC, UFRR, IFPA, UEMG, UFG, UERJ, CEDAPS, Escolas Públicas, entre outras instituições e organizações. Os trabalhos aqui apresentados estão em diálogos com diferentes segmentos, coletivos e organizações sociais. São relatos de experiências, propostas de intervenção pedagógicas, reflexões epistemológicas e ontológicas ente outras temáticas e vivências.

São práticas educativas que envolvem uma rede de ações pedagógicas, políticas e éticas. Nesse sentido por que debater ações coletivas e práticas educacionais? De acordo com Arroyo (2009)¹ vincular ações coletivas, pedagogias e processos educacionais implica no:

[...] reconhecimento das experiências e ações desses coletivos organizados ou não em movimentos sociais. Ações coletivas na diversidade de campos e fronteiras de luta pelo direito à vida, terra, ao teto e território, à identidade,

¹ ARROYO, Miguel. Ações Coletivas e Conhecimento: Outras Pedagogias? *Universidade Popular dos Movimentos Sociais*, 2009. Disponível em: <<http://www.universidadepopular.org/site/pages/pt/documentos/leituras/leituras-sobre-a-upms.php>>. Acesso em: 02 de agosto de 2022.

orientação sexual, memória e cultura, à saúde, educação e dignidade, à justiça, igualdade, às diferenças. Ações coletivas pela emancipação. Pedagogias libertadoras radicais. O foco são os conhecimentos e os processos, as pedagogias que nessas ações coletivas emancipatórias os seus sujeitos produzem. (ARROYO, 2009, p.01).

Esses coletivos produzem pedagogias em movimento, estão em movimento porque estão se reinventando constantemente, estão aprendendo com as novas demandas e problematizações do século XXI, são processos educacionais que estão se alimentando de novas teorias educacionais críticas e buscam interlocuções com as epistemologias do sul.

São pedagogias que produzem saberes culturais, profissionais, políticos e éticos. São saberes que emergem dos desafios cotidianos enfrentados por coletivos docentes, coletivos de povos e comunidades tradicionais, coletivos das áreas urbanas ou rurais, são coletivos constituídos por sujeitos. Sujeitos atravessados por histórias, politicidades e concepções pedagógicas.

Nesse sentido, esse dossiê reúne os seguintes textos: *Movimentos sociais e formação: as experiências e aprendizados de educadores e educadoras do Cursinho Popular Quilombola – Córrego do Meio* (Tawani Mara de Sousa Paiva e Carmem Lúcia Eiterer). Este artigo apresenta experiência de educadores e educadoras do Cursinho Popular Quilombola – Córrego do Meio que aconteceu em uma comunidade na Zona da Mata mineira.

No texto *Diversidade na Escola: um desafio permanente na atualidade* (Lucas Pinheiro de Souza Santos; Thaynara Karem Nunes Pinheiro e Juliano Gonçalves Pereira) o ponto de partida é como é trabalhado nas escolas o tema diversidade e suas implicações pedagógicas para o processo de sociabilidade dos estudantes.

Em *A Educação Popular como alavanca da transformação social* (Milena Moreira Montalvão e Erasmo Baltazar Valadão) Debate os fundamentos da Educação Popular (EP), enquanto instrumento de transformação social com base no pensamento e práxis de Paulo Freire.

No trabalho *Decolonizar a universidade e imersão em epistemologias outras: saberes, conhecimentos e práticas* (Henrique de Moraes Junior; Aline Silveira Machado; Agatha Leticia Eugênio da Luz; Nilberto Sousa Gonçalves e Reinaldo Matias Fleuri) Refletem sobre a possibilidade de ruptura de paradigmas hegemônicos oriundos da ciência calcada na universalidade do conhecimento eurocêntrico a partir do Decolonial.

O texto *Orientações e Práticas Pedagógicas para Escolas Quilombolas* (Magna Valdirene Cordeiro Costa e Juliano Gonçalves Pereira) levantam os impasses gerados pelas pretensões dos movimentos sociais negros, sobretudo do Movimento Negro pela educação em relação ao que chega de fato aos estudantes nas escolas, principalmente nas que são classificadas como Escolas Quilombolas.

A pesquisa *Participação e protagonismo Infantil em um bloco de carnaval de rua na cidade de Belo Horizonte* (João Paulo Mariano Domingues e Lucas Ramos Martins) Explora a participação das crianças e sua produção de saberes e conhecimentos na interação com outras gerações na organização de um bloco de carnaval.

O estudo *Fazer memória: notas para pensar a Educação de Pessoas Jovens e Adultas no Brasil e na Argentina* (Trinidad Vaccarezza). Em como objetivo tecer reflexões em torno da história da Educação de Pessoas Jovens e Adultas (EPJA) no Brasil e na Argentina a partir do momento de sua incipiente organização como modalidade nas décadas de 30 e 40, passando pela sua consolidação e redefinição nas décadas de 60 e 70, até os processos de institucionalização dos anos 90, após a abertura democrática.

O manuscrito *Olhares Infantis: brincando e lutando na Ocupação Guarani Kaiowá* (Frederico Alves Lopes). Busca compreender o papel das crianças na luta pela terra e moradia em uma Ocupação urbana, denominada Guarani Kaiowá, localizada em Contagem/MG, Brasil.

A investigação *Diálogos entre a Ludicidade e a Decolonialidade* (Lyandra Lareza da Silva Matos; Shirley Silva do Nascimento e Tânia Regina Lobato dos Santos) Debate o processo ressignificação da ludicidade como perspectiva heterogênea anunciada para potencializar a resistência contra os processos da colonialidade.

Em *Ser contra colonial na formação superior indígena ou a formação superior indígena ser contra colonial?* (Daniel Bampi Rosar e Ana Maria R. Gomes) O ensaio discute sobre algumas possíveis implicações contra coloniais na formação superior indígena. Tem como pano de fundo a reflexão sobre a experiência de como um docente ‘branco’ pode se situar nesse contexto. O ponto de partida são vivências como docente no bacharelado em Gestão Territorial Indígena (GTI), da Universidade Federal de Roraima (UFRR).

O trabalho *Da Fadiga Crepuscular Paradigmática ao Afrocentrismo: Pedagogias em Movimento na Améfrica Ladina* (Isabell Theresa Tavares Neri e Lúcia Isabel da Conceição Silva) nos convida a pensar a seguinte indagação: Como e até que ponto uma proposta educativa

afrocentrada e amefricana é capaz de romper com uma educação voltada para uma ideologia do branqueamento e caminhar rumo à tessitura de pedagogias antirracistas?

A investigação *Uma cartografia social e educativa na formação continuada de professores da Educação Escolar Quilombola em Salvaterra-PA* (Laís Rodrigues Campos). Busca entender como o mapa pode ser utilizado enquanto linguagem no ensino e ao mesmo tempo como instrumento para a formação de professores quilombolas.

O texto *Educação de jovens e adultos e educação do campo: Diálogo necessário e urgente* (Camila Zucon Ramos de Siqueira). Traz para a discussão a permanência e evasão na educação de Jovens e Adultos, assim como refletir sobre o contexto e conceito trabalho que está envolto da vida desses educandos e educandas.

A pesquisa *Araguaia, no coração do Brasil: educação popular, cultura indígena e a igreja dos pobres* (Danilo Macruz Inácio) Nos convida a refletir sobre as ações dos movimentos sociais na região do Araguaia (MT). Puxado pela Teologia da Libertação, Pedro Casaldáliga, se une aos povos originários e outras entidades para lutar pela emancipação social e política, através, principalmente, da educação popular.